



Carta Aware

AGOSTO 2024

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Chegou a hora. Sim. Aquela.

Juros descem e expectativas decolam.

Mas não só.

A hora da verdade.

O dia D para Israel e todos os envolvidos no Médio Oriente.

Até o fim do ano os Yankees pretendem amarrar algumas pontas soltas, afinal é hora também de mostrar aos eleitores tudo aquilo que não será cumprido no posterior período quadrienal.

Durante o marcante simpósio de Jackson Hole, o Chair do Fed Jerome Powell resolveu soltar o verbo, afirmando que está em tempo de cortar juros no território norte-americano, uma vez que os riscos crescentes para o mercado de trabalho não deixam espaço para mais fraqueza e a inflação está a caminho de alcançar a meta de 2%, oferecendo um apoio explícito para o afrouxamento da política monetária. "Chegou a hora de ajustar a política. A direção a ser seguida é clara, e o momento e o ritmo dos cortes nos juros dependerão dos dados que chegarem, da evolução das perspectivas e do equilíbrio dos riscos." Powell reafirmou ainda seu compromisso em dar suporte a um mercado laboral resiliente.

E os números fazem a mágica acontecer por trás das cortinas.

Enquanto Powell conduz a orquestra, a economia que indicou síndrome de terra arrasada em certos momentos continua apesar dos pesares devagar e sempre no caminho ao seu lugar cativo no pódio. O PCE subiu 0,2% em julho ante junho, em linha com as expectativas, após ter subido 0,2% no mês anterior, de acordo com dados divulgados pelo Departamento de Comércio do país. Já o PMI caiu de 49,6 em julho para 47,9 em agosto, segundo pesquisa final divulgada pela S&P Global. O resultado ficou levemente abaixo da expectativa de analistas consultados pela FactSet, que esperavam 48. No que se refere ao mercado de trabalho, a última semana do mês indicou que os pedidos de desemprego vieram ligeiramente abaixo das expectativas. Com os novos resultados, a média móvel de quatro semanas recuou para 231.500 pedidos, marcando uma queda de 4.750 solicitações em relação à média das quatro semanas anteriores.

Na pauta internacional, o ultimato de cessar-fogo está no forno.

Com os israelenses ficando impacientes contra seu próprio líder e uma greve generalizada tomando conta, Biden e cia. não pretendem deixar de legado para Kamala uma péssima opinião pública, caso seja eleita, em relação à diplomacia falha proposta por seus colegas de partido. Biden declarou não acreditar que o governo israelense está fazendo o suficiente para resolver a situação dos reféns e do conflito em geral.

Veremos escalar a tragédia humanitária para outras dimensões do terror?

Europa

Aquele que com ferro fere, com ferro será ferido.

Assim Putin alarma o mundo com uma mensagem bem clara: ele não está para brincadeiras.

The war is coming. E não apenas para a Europa.

Dito isso, na faceta econômica do continente, os ânimos parecem estar sendo muito mais impactados pelas perspectivas promissoras da inflação em suas principais economias do que pela projeção de um crescimento morno ou inexistente.

O índice de preços ao consumidor da zona do euro subiu à taxa anual de 2,2% este mês, segundo informou a agência oficial de estatísticas da União Europeia, a Eurostat, em leitura preliminar hoje. O resultado representa o menor ritmo desde julho de 2021 e aproxima o indicador da meta de 2% do BCE. Apesar disso, mais cedo, a dirigente do BCE Isabel Schnabel adotou um discurso mais contido ao comentar as perspectivas do bloco. Schnabel defendeu que o banco central deve ser "cauteloso e gradual" ao afrouxar a política monetária em direção a configurações mais neutras.

Na dobradinha franco-germânica, sinal de atenção ligado à ressurgência da extrema direita nas eleições estaduais, enquanto lentamente a economia alemã vai definhando. O PMI da Alemanha caiu de 43,2 em julho para 42,4 em agosto, segundo pesquisa final divulgada pela S&P Global em parceria com o Hamburg Commercial Bank. A inflação, em contrapartida, felizmente surpreendeu. O CPI preliminar de agosto caiu 0,1% ante julho e subiu 1,9% na base anual. O índice mostrou desaceleração ante uma alta de 0,3% em julho ante junho e de 2,3% de julho ante igual período do ano anterior. O resultado também ficou abaixo do consenso dos economistas consultados por The Wall Street Journal, que projetavam uma alta de 0,1% na base mensal em agosto e de 2,1% na base anual.

Contudo, o que mostram os empresários é de que não há absolutamente nenhum único business dormindo tranquilo. A Volkswagen não pode mais descartar o fechamento de fábricas na Alemanha, pois busca maneiras de economizar vários bilhões de euros adicionais em uma iniciativa de corte de custos, disseram a montadora e seu conselho de trabalhadores. Um comunicado da Volkswagen disse que a montadora também se sentiu forçada a encerrar seu programa de segurança do trabalho em vigor desde 1994, acrescentando que todas as medidas seriam discutidas com o conselho de trabalhadores.

Os britânicos têm tido as manhãs assim como seu humor: ácidas.

O CPI do Reino Unido subiu 2,2% em julho, na comparação anual, informou o ONS. O PMI composto do Reino Unido, que engloba os setores industrial e de serviços, caiu de 53 em maio para 51,7 em junho, atingindo o menor nível em sete meses, segundo dados preliminares divulgados pela S&P Global. O salário dos trabalhadores britânicos cresceu em seu ritmo mais lento em quase dois anos. Os ganhos semanais médios, excluindo bônus, foram 5,4% maiores do que um ano antes nos três meses até o final de junho, abaixo dos 5,8% nos três meses até maio e o menor aumento desde agosto de 2022.

Como se nota, o território insular vive um momento singular de fragilidade produtiva e resistência de preços e empregos, em um cabo de guerra onde o primeiro a falhar levará todos à lama.

Ásia

China

Assim como um atleta de alta performance, a queda de rendimento atrelada a lesões estruturais pode ser complexa de contornar. Em alguns casos, irreversível.

O PBoC vende a superação do Fenômeno. O mercado enxerga o precoce fim de Van Basten.

O percentual de chineses que considerava ter progredido financeiramente nos últimos cinco anos registrou uma descensão rumo aos 39%, depois de um pico em 77%. O estudo, intitulado "Getting Ahead in Today's China: From Optimism to Pessimism", deflagra o temor pelo pior. Por sua vez, a China minimizou as preocupações econômicas. Em um editorial publicado na mídia estatal em abril, Jin Ruiting, diretor do Instituto de Economia Internacional da Academia Chinesa de Pesquisa Macroeconômica, disse que a mídia e os políticos ocidentais continuam "fazendo alarde sobre as flutuações econômicas de curto prazo da China", enquanto "exageram unilateralmente os problemas e desafios da economia chinesa".

O X da questão é como Xi irá cancelar o aumento do consumo que vem definhando. Alguns economistas já desenham planos de estímulo ao consumo no modelo de copagamento. Ademais, o diretor do departamento de Política Monetária do PBoC, Zou Lan, sinalizou a possibilidade de relaxar ainda mais a taxa de reservas compulsórias bancárias. Contudo, a autoridade descartou que uma flexibilização monetária agressiva esteja em andamento, ou ainda por vir nos próximos meses.

Mesmo com demanda fragilizada, os preços sobem. O CPI da China avançou à taxa anual de 0,6% em agosto, informou o Escritório Nacional de Estatísticas. O indicador acelerou em relação à inflação registrada em julho, quando houve avanço de 0,5%.

Japão

Juízo ou covardia? Os nipônicos enterraram os dois pés no chão.

Prevendo um ciclo de aumento de juros muito gradativo e consciente, caso tudo siga bem, os japoneses se depararam com um revés de crescimento. O PIB japonês cresceu no segundo trimestre em um ritmo um pouco mais lento do que o inicialmente informado devido a revisões para baixo nos gastos das empresas e das famílias, que aponta para um segundo semestre mais difícil para o consumo e para os planos de aumento de juros do banco central. Na revisão, o PIB cresceu 2,9% em vez de 3,2%. O componente de despesas de capital do PIB, um termômetro da força da demanda privada, aumentou 0,8% no segundo trimestre, dado revisado para baixo em relação ao aumento de 0,9% na estimativa inicial.

Ásia

Japão (cont.)

A principal preocupação do BoJ é garantir que a volatilidade dos mercados não prejudique gravemente as empresas, disse o membro da diretoria do banco Hajime Takata. "Obviamente, nossa postura é ajustar o grau de apoio monetário se nossas previsões econômicas e de preços forem alcançadas", disse Takata em uma coletiva de imprensa, reiterando o plano de longo prazo do Banco do Japão para elevar os juros. "Mas essa postura não é isenta de condições. Se os acontecimentos do mercado surgirem como um risco para a economia, precisamos levar isso em consideração", disse ele, enfatizando a necessidade de avaliar em cada reunião de política monetária como os movimentos do mercado estão afetando a atividade empresarial.

América Latina

Argentina

Era somente um amor de Carnaval? Para ser um amor de fim de noite, Milei ainda precisa encantar, e mais, consolidar o status de positividade com que a economia hermana andava de mãos dadas.

A atividade econômica na Argentina recuou 3,9% em junho em comparação com o mesmo mês do ano passado. Apesar da alta do setor agrícola e pecuário, o consumo e as principais indústrias do país continuam sofrendo com os impactos das medidas econômicas do presidente. A contração da economia foi pior do que as projeções de mercado apontavam. De acordo com pesquisa da agência de notícias Reuters, a média das estimativas era de uma queda de 1,9%. Nem a pior das projeções neste levantamento, que previa encolhimento de 3,2%, chegou aos 3,9% de baixa registrados.

It's a long way to standards. Even longer to Heaven.

Chile

Os vizinhos andinos também sofrem com o arrefecimento da economia e já mexem os pauzinhos para enfrentá-lo.

O BC chileno retomou seu ciclo de flexibilização monetária e cortou as taxas em 25 pontos-base, para 5,5%, em decisão unânime. O movimento vem após uma pausa na última decisão, em julho. Em nota, a autoridade monetária destacou que a atividade econômica chilena perdeu ímpeto durante o segundo trimestre, e embora o movimento fosse esperado, a desaceleração foi mais robusta do que o esperado inicialmente. Segundo o BC, o conjunto de dados divulgados entre esta e a última reunião sugere riscos menores de persistência inflacionária no médio prazo, o que permitiu novo afrouxamento.

Brasil

O mês de agosto foi marcado por um aumento significativo das incertezas no cenário doméstico, impulsionado principalmente pela deterioração das expectativas de inflação e pela volatilidade nas expectativas em torno da política monetária e fiscal do país. O comportamento divergente entre membros do Banco Central, com Roberto Campos Neto adotando uma postura mais *dovish* e Gabriel Galípolo mais *hawkish*, adicionou camadas de incerteza sobre o que esperar da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom).

Essa divergência foi exacerbada pela nomeação confirmada de Galípolo como próximo presidente do Banco Central, o que elevou as chances de uma antecipação do aumento da taxa Selic para restaurar a credibilidade da autoridade monetária. O aumento das dúvidas sobre a postura do Banco Central contribuiu para a intensificação da volatilidade nos mercados financeiros, levando à depreciação do real. O dólar à vista encerrou o mês cotado a R\$5,61, e os juros futuros precificaram uma alta de 131 pontos-base na Selic ainda em 2024.

Para mitigar a pressão sobre o câmbio, o Banco Central anunciou, no último dia de agosto, um leilão de US\$ 1,5 bilhão à vista, alinhado ao fluxo negativo gerado pelo rebalanceamento do índice MSCI. Adicionalmente, foi realizado um leilão de swap cambial no valor de US\$ 735 milhões, que, embora tenha contribuído para conter temporariamente a depreciação do real, gerou mais questionamentos sobre o próximo movimento do Copom.

No âmbito fiscal, o mês foi marcado pela divulgação do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) para 2025, que apresentou um cenário desafiador para o cumprimento da meta de déficit zero. A proposta foi recebida com ceticismo por parte do mercado, que questionou as projeções de receitas superestimadas e de despesas subestimadas. Além disso, as eleições municipais previstas para este ano devem desviar o foco do Congresso, dificultando a aprovação de novas fontes de receita necessárias para o equilíbrio fiscal. A ampliação do auxílio gás, anunciada no final de agosto, aumentou ainda mais as expectativas de elevação das despesas para o próximo ano, pressionando o já delicado cenário fiscal.

O ambiente de incerteza fiscal e as expectativas desancoradas de inflação reforçaram as projeções de elevação da Selic, com alguns dirigentes do Banco Central sugerindo a necessidade de ajustes mais agressivos para controlar a alta dos preços. Ainda assim, o Banco Central tem adotado uma postura cautelosa, evitando comprometer-se com um *forward guidance* claro, o que também contribuiu para a volatilidade dos mercados.

Diante desse cenário, os ativos brasileiros registraram alta volatilidade em agosto, refletindo a incerteza sobre o futuro da política monetária e fiscal. A deterioração das expectativas de inflação e a desancoragem das variáveis macroeconômicas exigem uma resposta firme das autoridades para restaurar a confiança e estabilizar o ambiente econômico.

Juros & Câmbio

Em agosto, novos dados econômicos dos Estados Unidos aumentaram as expectativas de que o Federal Reserve fará um modesto corte na taxa de juros em setembro.

Os gastos dos consumidores norte-americanos cresceram solidamente em julho, indicando que a economia dos EUA segue robusta, enquanto os preços subiram moderadamente.

Os mercados monetários sugerem que a maioria dos operadores espera uma redução de 25 pontos-base na taxa básica em setembro, com as chances de um corte de 50 pontos-base diminuindo após a divulgação do relatório do PCE no último dia útil de agosto.

Nas últimas semanas, o presidente do Fed, Jerome Powell, demonstrou apoio a um ajuste iminente da política monetária.

Destacamos também o Banco Central da China, que optou pela manutenção das taxas de juros de referência. O país continua enfrentando uma crise no setor imobiliário, enquanto busca atingir sua meta de crescimento econômico de 5%.

No Brasil, as expectativas seguem um caminho diferente. A curva de juros encerrou agosto com abertura em todos os vértices, refletindo as expectativas de um possível aumento da Selic nas próximas reuniões do comitê de política monetária, muito em função da depreciação do real frente ao dólar, que subiu 0,74% no mês e vem gerando uma certa pressão inflacionária.

Além disso, o mercado adotou uma postura cautelosa em relação à trajetória fiscal do país após a divulgação da PLOA pelo governo.

Com relação ao índice DXY, o sentimento mais otimista quanto à condução da política monetária dos EUA foi crucial para a queda de 2,30% do índice em agosto.

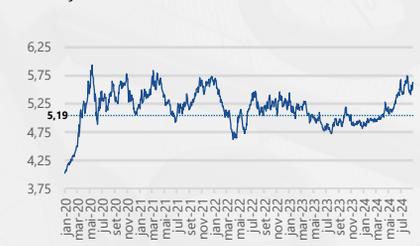
O euro e a libra seguiram a dinâmica do dólar em relação ao real, registrando altas de 1,33% e 1,38%, respectivamente, no mês.

Já o Bitcoin teve uma queda de cerca de 8,7% em agosto, refletindo um menor apetite por criptomoedas no período. A disputa eleitoral nos EUA também tem gerado volatilidade na principal criptomoeda global.

Moedas

Dólar	5,61	-0,70%
Euro	6,20	1,33%
Libra	7,36	1,38%
Yuan	0,79	1,10%
Iene	0,04	1,86%
Lira Turca	0,16	-3,46%

Evolução Dólar



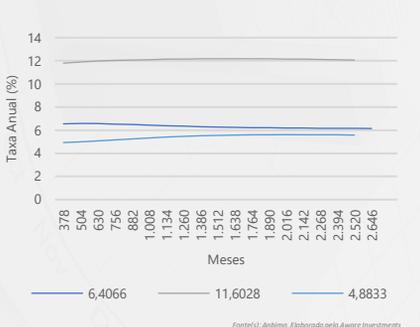
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Em agosto de 2024, o cenário econômico global foi marcado por volatilidades e expectativas mistas nas principais bolsas de valores.

No Brasil, o Ibovespa teve seu melhor desempenho do ano, subindo 6,54%, atingindo 136 mil pontos, impulsionado principalmente pelas expectativas de que o Federal Reserve começará a reduzir as taxas de juros em setembro.

O mês de agosto também consolidou o retorno do fluxo estrangeiro na B3, sendo o segundo mês do ano a fechar no azul, com a entrada de R\$ 10,013 bilhões.

Agosto começou de forma tumultuada em Wall Street, depois que sinais de uma súbita moderação no mercado de trabalho no início de agosto provocaram temores de uma recessão nos EUA.

Ao longo do mês as ações se recuperaram, com o índice S&P 500 sendo negociado próximo a recordes. Todos os 11 índices setoriais do S&P 500 subiram, liderados pelo setor de consumo discricionário, com alta de 1,9%, seguido por um ganho de 1,1% no industrial.

No período, o S&P 500 subiu 2,3%, o Dow Jones avançou 1,8% e o Nasdaq subiu 0,6%.

Na Europa, as ações encerraram um mês turbulento com um tom positivo, depois que uma queda significativa na inflação da zona do euro consolidou expectativas do mercado de um corte na taxa de juros em setembro.

No mês de agosto, o Stoxx600 e o CAC 40 acumularam alta de 1,32% no período. O Dax avançou 2,11% e o FTSE subiu 0,50%, refletindo o retorno desse sentimento mais otimista.

Nos mercados asiáticos, o índice chinês Shanghai Composite encerrou o mês em baixa de quase 1%, pressionado por dados econômicos fracos e o impacto das medidas governamentais. Em contrapartida, o Shenzhen registrou um leve aumento de 0,4%, apresentando uma recuperação em relação ao outro índice chinês.

O índice Hang Seng registrou uma queda significativa de aproximadamente 1,53%, refletindo as preocupações com a economia chinesa e o cenário global de incerteza.

Já o índice Nikkei 225 teve uma queda de 1,5%, fechando em 35.619,77 pontos. A queda foi influenciada por dados econômicos abaixo das expectativas, como o crescimento do PIB japonês, além das preocupações com o mercado de trabalho nos EUA.

Índices

Ibovespa	136.004,01	6,54%
S&P 500	5.648,40	2,28%
Nasdaq	17.713,62	0,65%
Euro Stoxx 50	4.957,98	1,75%
Shanghai	2.842,21	-3,29%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pela Aware Investments

Perspectivas

Alívio fora, temor aqui dentro. Combinação que pode ser interessante para um futuro não muito distante...

O mercado passou a entender que, no Brasil, é certo haver uma elevação na taxa SELIC. O cenário fiscal ainda causa temor nos investidores, que, devido à situação, anseiam por mais prêmio de risco nas taxas. Em paralelo, o crescimento surpreendeu positivamente, sinalizando um cenário de maior dinamismo da economia em 2024, mas com desafios para o controle da inflação. Integrantes do Banco Central fizeram discursos variados sobre a reunião de setembro do Copom, mas ressaltaram que a instituição continua guiada pelos dados econômicos. Eles também sinalizaram que tanto a manutenção quanto a elevação da taxa SELIC ainda estão em discussão. Espera-se que a autoridade monetária calibre sua política para equilibrar esse crescimento com a estabilidade de preços nos próximos meses. Essa ação tende a acalmar os investidores, ratificando a credibilidade do BACEN quanto ao cumprimento das metas de inflação e trazendo impactos positivos para a renda fixa e a bolsa de valores.

Já no exterior, a situação é bem diferente. É praticamente certo que o ciclo de queda de juros se inicie na reunião do FOMC em setembro. Com essa expectativa no mercado, o otimismo se aflora. Observamos uma queda acentuada nas taxas das *Treasuries* nas últimas semanas, e a tendência é que esse movimento continue à medida que os dados econômicos favoreçam a flexibilização monetária. Na Europa, o sentimento é similar. A moderação no mercado de trabalho e na atividade econômica desde a reunião de junho deve alimentar a confiança de que o processo desinflacionário está no caminho certo, principalmente devido à desaceleração do crescimento dos salários. Isso fortalece o cenário de que também haverá um corte de juros na próxima reunião da autoridade monetária europeia. Diante desse panorama, deveremos ver um fortalecimento dos ativos de risco e um aumento de preço nos ativos de renda fixa.

Vale a pena prestar atenção ao diferencial de juros doméstico em relação aos níveis internacionais. Se as projeções se confirmarem, poderemos observar um fluxo de capital oriundo do exterior, fortalecendo o Real frente às moedas estrangeiras, o que diminuiria a pressão inflacionária, abrindo brecha para uma retomada do ciclo de cortes de juros no Brasil já em 2025.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com